

## **Em discussão: o trabalho docente**

### **In debate: the teaching work**

**Deise Mancebo; Ariane P. Ewald; Eleonora Torres Prestrelo; Ana Paula Uziel**

Professoras e pesquisadoras do Instituto de Psicologia da UERJ

Essa edição da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia é composta por um conjunto de textos que, na sua maioria, abordam a questão do trabalho no contexto contemporâneo, trazendo à baila, mais especificamente, sete artigos, uma resenha e uma comunicação de pesquisa sobre o trabalho docente.

Trata-se de discussão da maior relevância se considerarmos que o trabalho docente atravessa e é perpassado por duas problemáticas centrais das sociedades atuais: primeiro, as mudanças que foram introduzidas no mundo do trabalho, modificações carreadas, dentre outros processos, pelo avanço das tecnologias da informação e pelo processo mais geral de globalização e, depois, as reordenações a que os sistemas educacionais foram submetidos a partir da profunda redefinição do papel do Estado na sua relação com a educação, tendo conduzido, dentre outros aspectos, a processos variados de privatização.

As mudanças ocorridas no mundo do trabalho – que, de um modo geral, “quebraram” a rigidez e previsibilidade do taylorismo/fordismo na produção e o modo de regulação keinesiano, presentes em diversas esferas do cotidiano, há trinta ou quarenta anos atrás – requerem um novo sistema produtivo capaz de promover um rápido atendimento às flutuações de mercado e que se apresenta extremamente flexível. Como toda nova organização do trabalho, essa flexibilização constrói-se acompanhada de um movimento de reacomodação do campo sócio-subjetivo, produz novas performances para o trabalhador, que vêm afetando sua organização, sua dinâmica interpessoal, além de exigir-lhe uma ativa adaptação espaço-temporal (MANCEBO, 2007, no prelo).

No trabalho, supõe-se um homem capaz de enfrentar eventos, que exigem do trabalhador um conjunto de habilidades sempre abertas e por se fazer, ativadas pelo

indivíduo em cada situação concreta, cabendo-lhe mobilizar-se – sua inteligência, seus recursos criativos pessoais, as potencialidades, desejos e valores, enfim, sua subjetividade – para alcançar os objetivos de sua atividade. Assim, do mesmo modo como assistimos a uma produção maleável e individualizada; à valorização dos trabalhadores qualificados polivalentes; à flexibilização da organização do trabalho, à implementação de horários indefinidos de trabalho e à precarização dos vínculos trabalhistas; também presenciamos a convocação irrestrita da subjetividade do trabalhador para o centro das atividades que desenvolve (MANCIBO; LOPES, 2004).

As conseqüências de todo esse processo são múltiplas para um professor e, pelo menos, três aspectos – intrinsecamente relacionados – merecem consideração, pela incidência com que apareceram nos diversos textos do presente dossiê: a precarização do trabalho, a flexibilização das tarefas e uma nova relação que se estabelece com o tempo de trabalho, que geram, ao mesmo tempo, mudança na jornada de trabalho de ordem intensiva (aceleração na produção num mesmo intervalo de tempo) e extensiva (maior tempo dedicado ao trabalho), particularmente facilitada pela introdução das novas tecnologias.

As mudanças ocorridas no campo educacional também se fazem presentes na discussão sobre o trabalho docente. Em linhas gerais, a partir da adoção da pauta neoliberal, estabeleceu-se em todos os países do continente, uma série de medidas, enfeixadas ou não sob a denominação de reformas, que para além das especificidades locais, evidenciaram uma profunda redefinição do papel do Estado na sua relação com a educação. Na realidade, assistiu-se a uma retração financeira do Estado na prestação de serviços sociais (incluindo educação, saúde, pensões, aposentadorias, dentre outros) e a subsequente privatização ou, pelo menos, tentativa de privatização, destes serviços.

Assim, a análise do cotidiano dos sistemas educacionais põe a nu alguns vieses bastante graves, a partir da absorção/apropriação das reformas de cunho neoliberal. Tal agenda afeta a cultura escolar, de modo que representações, motivações, normas éticas, concepções, visões e práticas institucionais dos diversos atores, acerca dos objetivos, das tarefas da docência modificam-se (NAIDORF, 2005) e são profundamente mudadas no sentido do individualismo no enfrentamento das situações problemáticas escolares e da vida; do acirramento da competição entre instituições educacionais e entre os pares; da supervalorização das avaliações em escala nacional, com viés pseudo-meritocrático, para não dizer meramente classificatório, normativo e punitivo; do imediatismo em relação às demandas do mercado de trabalho; em síntese, ocorre uma construção ideológica, no próprio tecido escolar, nada desprezível, porque miúda, caucionada pelo discurso do mérito, mas pretensiosa nas intenções, na medida em que procura agir fomentando a produtividade, mas desmontando os direitos sociais que pudessem ser ordenados como compromisso social coletivo.

Na realidade, é possível localizar a pressão pela produção em praticamente todos os setores do mundo do trabalho, todavia, somente em poucos campos, ela ameaça tanto a qualidade como na educação, nas quais, em geral, ao aumento da produtividade costumam corresponder resultados menos expressivos no que tange ao desenvolvimento do pensamento e da ação inovadores (MANCIBO, 2007, no prelo).

Todavia, o que os textos dessa edição da revista chamaram atenção é que essas tendências mais freqüentes na forma como vem se organizando o trabalho e a educação, no mundo contemporâneo, todas as explicações econômicas e sistêmicas que se possa discorrer a respeito das adversidades no trabalho docente não podem ser tomadas como um destino, a se abater exteriormente sobre os indivíduos, pois concretizam-se, nos diversos espaços escolares, de modo múltiplo, heterogêneo e até contraditório.

Os textos registram o que oferece tensão e conflita, demonstrando a existência, de movimentos que se contrapõem às políticas anteriormente criticadas. Assim, relações e produções constituem-se no âmbito escolar, por vezes, na direção do ajustamento à nova ordem social; mas, em certos momentos, buscando brechas e possibilidades de escape. Inúmeras vezes, produzindo assujeitamento, sofrimento, doença; mas, em outras circunstâncias, favorecendo crescimento, prazer, solidariedade. Tais iniciativas quando críticas e insurgentes dão consistência à crença de que, em se tratando de educação e de subjetividades, sempre existe a possibilidade de um momento de suspensão, no qual se reelabora outro código de sociabilidade, outro código de civilidade e de relação com o público, no qual se pode construir o dissenso, desafiando o paradigma do pensamento único, para indagar outros saberes, outras práticas, outros sujeitos, outros imaginários capazes de conservar viva a chama de alternativas para essa ordem social de hegemonia do capital (LANDER, 2001) e de construir um sentido social e ético para a escola e quiçá para a sociedade.

Convidamos, pois, os leitores a percorrerem os diversos trabalhos dessa edição da Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia que, sinteticamente, apresentamos a seguir.

Oito textos e uma comunicação de pesquisa compõem a seção temática sobre "Trabalho Docente". O primeiro, escrito por Maria Elizabeth Barros de Barros, Ana Lúcia Coelho Heckert e Flávia Moreira Marchiori, trata dos desafios para quem pesquisa os mundos do trabalho, partindo do princípio de que é preciso conhecer mais de perto o que é vivido nos ambientes laborais hoje e avaliar as novas relações que lhe fazem frente, elegendo para tal a abordagem ergológica.

O texto seguinte – "Universidade Produtiva" e Trabalho Docente Flexibilizado – é de Marcia Cavalcanti Raposo Lopes. Ele aborda o trabalho do professor universitário, buscando entender os processos vividos e construídos por estes docentes no contexto de reordenação das práticas do magistério superior, segundo uma lógica mercantil característica das políticas neoliberais.

Em seguimento, temos o artigo de Luciana Gomes e de Jussara Brito, que tematiza a dinâmica trabalho/saúde de docentes do ensino médio, revelando aspectos dessa relação, as formas de combate tecidas nos conflitos e tensões do cotidiano, mas também destacando os movimentos feitos pelos próprios professores no sentido de instaurar novas normas de saúde diante de condições tão adversas.

O artigo "A Dor e a Delícia de Ser (Estar) Professora: Trabalho Docente e Saúde Mental", de Mary Yale Rodrigues Neves e de Edith Seligmann Silva, é o terceiro texto da seção temática. Nele, as autoras tratam das vivências de sofrimento psíquico e de mal-estar vivenciado pelas professoras da primeira fase do ensino fundamental num município paraibano, mas também identificaram e discutiram algumas formas pelas

quais as professoras conseguem enfrentar as dificuldades presentes em seu cotidiano de trabalho, tornando-o, em muitos casos, psiquicamente estruturante.

O texto que se segue, de Maria do Socorro Sales Mariano e de Hélder Pordeus Muniz, intitula-se "Trabalho Docente e Saúde: o Caso dos Professores da Segunda Fase do Ensino Fundamental", no qual os autores também buscam analisar a relação entre a saúde mental e trabalho, pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho, abrindo um espaço de discussão que privilegiou a análise da intersubjetividade dos professores na construção do sentido acerca do trabalho.

O penúltimo artigo da seção temática, de Maria Emília Pereira da Silva, aborda a síndrome do burnout instalada no mundo do trabalho docente, analisando o sofrimento do professor, face aos mecanismos de organização e gestão do trabalho característicos do atual regime de acumulação flexível do capital, apresentando, ao final, duas pesquisas que retratam o crescente aumento da síndrome e sua relação com as condições de trabalho dos docentes.

O último artigo da seção temática, de Cristina Miyuki Hashizume e de Marinete Maria Lopes, aborda o trabalho docente rural buscando compreender as estratégias utilizadas pelos professores para lidar com as adversidades e alegrias do cotidiano; cartografar as dificuldades por que passam tais docentes e identificar as estratégias de defesa/enfrentamento que os docentes se utilizam no dia a dia da escola.

A seção temática sobre "Trabalho Docente" termina com a apresentação, por Gideon Borges dos Santos, de uma comunicação de pesquisa onde o autor aborda, a partir de conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, os complexos movimentos de fuga e enfrentamento, utilizados por docentes, frente às adversidades do cotidiano escolar, questionando o fato de, muitas vezes, estar em jogo tão somente o maior ou menor bem-estar do professor, retirando de cena a idéia do próprio processo educativo.

Esperamos que o conhecimento desses textos possa instigar alguns leitores a investir sobre esse campo de pesquisa e a pensar alternativas para a educação em seus diferentes níveis, que possam manter o encanto e a magia do trabalho docente, conforme analisado por alguns artigos, mas a partir de novos nexos, que expandam o potencial criativo, solidário e, ao mesmo tempo, atenuem o sofrimento hoje presente no trabalho docente.

Temos dois textos e uma resenha fora da seção temática "Trabalho Docente". O primeiro, de autoria de Paulo César Zambroni de Souza e de Milton Athayde, apresenta a contribuição da abordagem clínica do psiquiatra francês Louis Le Guillant para o desenvolvimento da Psicologia do Trabalho. Além da relevância histórica para essa área do conhecimento, – no período que vai da década de 1940 até a de 1960 – o artigo destaca discussões ainda hoje absolutamente relevantes, no campo da Psicologia e da Psicopatologia do Trabalho. Segue um artigo em inglês, de autoria de Ernesto Vasquez del Aguila, que sob o título "Invisible Women" analisa os discursos a respeito da esterilização e reprodução, no Peru, em dois cenários políticos diferentes – o governo de Fujimori e o atual regime democrático de Toledo. A discussão travada no texto é firme na desconstrução do conceito de direitos reprodutivos, pelo menos quando aplicados em contextos de violência, pobreza e de desigualdades econômicas, políticas, de gênero e étnicas. A resenha versa sobre o livro "O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho", de Ricardo Antunes e publicado em 2005 pela Editora Boitempo. Carla Vaz dos Santos Ribeiro é a autora

da resenha na qual destaca o eixo que unifica o livro: a defesa da tese acerca da centralidade do trabalho no mundo, mesmo que diante das profundas transformações ocorridas nesse universo nos últimos anos.

Boa leitura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANDER, Edgardo. Conhecimento para quê? Conhecimento para quem? Reflexões acerca da geopolítica dos saberes hegemônicos. In: GENTILI, Pablo (Org.). **Universidades na penumbra: neoliberalismo e reestruturação universitária**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 45-71.

MANCEBO, Deise. Trabalho docente: subjetividade e sobreimplicação. **Reflexão & Crítica**, v.20, n.1, 2007. (no prelo)

MANCEBO, Deise; LOPES, Marcia Cavalcanti Raposo. Trabalho Docente: compressão temporal, flexibilidade e prazer? **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 13, n. 24, p. 138-152, 2004.

NAIDORF, Judith. La privatización del conocimiento público en universidades públicas. In: GENTILI, Pablo; LEVY, Bettina (Orgs.). **Espacio público y privatización del conocimiento**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2005. p. 101-162.